



## **As Representações Simbólicas de uma Coleção de Jóias Baseadas na Escravidão Negra no Brasil<sup>1</sup>**

Camila Sieburger Tessmann<sup>2</sup>, Centro Universitário Franciscano

Cristiane Rick<sup>3</sup>, Centro Universitário Franciscano

Flavi Ferreira Lisboa Filho<sup>4</sup>, Universidade do Vale do Rio dos Sinos

### **Resumo**

A escravidão de africanos no Brasil ocorreu aproximadamente entre os séculos XVI e XIX, marcando a cultura americana, com a formação de uma cultura afro-americana. Percebemos hoje, em diversos aspectos da nossa sociedade que esta união criada pelos europeus colonizadores da América continua viva, nos ritos de passagem africanos praticados no Brasil. O objetivo deste trabalho é analisar a representação simbólica de uma jóia, criada em função da temática escravagista para a mulher contemporânea, ou seja, que tenha se baseado na vida dos escravos que aqui chegaram, suas origens, seu sofrimento, seus costumes, etc. Esse estudo busca nas raízes negras as possibilidades de representação e interpretação de jóias não só com valor estético, mas histórico, carregado de simbolismo.

### **Palavras-chave**

Representação; Simbolismo; Escravidão

### **Introdução**

A escravidão de africanos no Brasil ocorreu aproximadamente entre os séculos XVI e XIX, marcando a cultura americana, com a formação de uma cultura afro-americana. Percebemos hoje, em diversos aspectos da nossa sociedade que esta união criada pelos europeus colonizadores da América continua viva, nos ritos de passagem africanos na Bahia, por exemplo, e influências na culinária, religião e vestuário.

O objetivo deste trabalho é analisar a representação simbólica de uma jóia, criada em função da temática escravagista para a mulher contemporânea, ou seja, que tenha se baseado na escravidão no Brasil, na vida dos escravos que aqui chegaram, sua vida na África, seu sofrimento, seus costumes, e sua herança para a cultura popular brasileira. Esse estudo irá buscar nas raízes negras as possibilidades de representação e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Júnior.

<sup>2</sup> Formanda do Curso de Design pelo Centro Universitário Franciscano - UNIFRA.

<sup>3</sup> Mestranda em Engenharia e Tecnologia de Matérias pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS, Docente Orientadora.

<sup>4</sup> Doutorando em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, Docente Co-Orientador.



interpretação de jóias não só com valor estético, mas histórico, carregado de simbolismo, ubicando-se na sociedade escravocrata dos séculos passados.

### **A Escravidão de Africanos**

A escravidão pode ser definida como um “[...]regime social de sujeição do homem e utilização de sua força para fins econômicos, como propriedade privada” (FERREIRA, Aurélio, 1993, p. 220).

Segundo Macedo (1974), a escravidão africana pelos portugueses não iniciou no Brasil ou com o Brasil, pois antes da chegada de Cabral, Portugal já usufruía do trabalho escravo, sendo este a mais valiosa “mercadoria” trazida da África pelos descobridores do Caminho Marítimo das Índias. As relações comerciais entre África e Europa eram como todas as outras que ocorreram no mesmo período, sendo os africanos comerciantes experientes, mesmo que, de algum modo, dominados pelos europeus no sentido de qualidade de manufaturados ou controle comercial.

A África negra, no século XVI, era tão desconhecida pelos europeus quanto a América. Os europeus encontraram no tráfico de escravos africanos, pelo Atlântico, um meio de alcançar seus objetivos, incluindo o desenvolvimento do Novo Mundo.

Na África, a colonização não se desenvolveu como na América, por não possuir aparentemente riquezas como as encontradas no Brasil, tais como metais nobres e terras vastas, tornando-se, portanto, uma terra de disponibilidade, fornecimento de mão-de-obra e força de trabalho em abundância, através do homem negro (MATTOSO, 1990, p.17). A troca por escravos, geralmente era feita com mercadorias, sendo o fumo brasileiro uma das principais.

Nos séculos XVI e XVII os mercados de escravos eram localizados nos portos e as vendas eram feitas ali mesmo, em leilões ou particular. O cativo destinado à escravidão era trazido ao Brasil em navios negreiros, sem a devida manutenção, acondicionamento, limpeza da quilha, etc., fazendo com que grande número de escravos morressem durante a travessia, entre 15 e 20 %. Os navios seguiam seu destino com maior número de homens que mulheres, ambos com idade ignorada; já as crianças não foram muito presentes em número no tráfico, provavelmente por não possuírem força de trabalho imediata, e por serem consideradas de difícil negócio neste comércio.

Os cativos eram separados por sexo e os mais nervosos amarrados à ferros. Segundo Mattoso (1990, p.47)



[...]a promiscuidade e o horror deste confinamento eram grandes[...]homens ficavam empilhados num porão, à cunha[...]se tinham sono se empilhavam uns nos outros[...]muitos não iam às sentilhas fazer suas necessidades por medo de perder seus lugares e o faziam ali.

As viagens realizadas no outono ou inverno eram as mais mortíferas. O negro era um cativo sem defesa contra a morte e sujeito à todos os riscos, com um regime alimentar modificado e escassez de exercícios físicos. Segundo Mattoso (1990), no desembarque os africanos se apresentavam em estado de grande exaustão moral e física, traumatizados pela captura, além de assustados e amedrontados pela nova terra que os “acolhia”, e pelo trabalho árduo que os esperava.

Na sua chegada ao Brasil, sua aparência para a venda teria de ser a melhor possível, como ocorre em todo comércio, tendo seu corpo todo aplicado com óleo de palma para esconder as doenças de pele e dar brilho, evidenciando um falso sinal de vigor e saúde; os dentes eram escovados com raízes adstringentes e eram feitos exercícios físicos mesmo que obrigatórios para dar flexibilidade ao corpo e esconder as atrofias musculares devidas à má posição durante os meses no navio (MATTOSO, 1990, p.66).

No começo do processo de tráfico para o Brasil, os recém chegados eram abrigados em barracões ou em uma simples cobertura, posteriormente, eram colocados em depósitos grandes, como exemplo a Paróquia Comercial do Pilar, em Salvador dos séculos XVIII e XIX. Cobriam-nos com um pedaço de pano ou lã atados à cintura, e aparavam seus cabelos por questões de higiene (MATTOSO, 1990, p. 66).

Desde a viagem no navio negreiro, o cativo, na tentativa de se inserir novamente em uma relação social, mesmo que diferente da do seu país de origem, poderia criar laços de amizade com outros, que durariam ou não após o desembarque à terra até então desconhecida.

## **O Escravo no Brasil**

A chegada dos escravos ao Brasil não era fácil, pois havia todo um sistema de adaptação destes cativos à seus novos senhores, nova terra e novos companheiros. Os escravos eram misturados, as etnias mescladas para que não houvesse uma concentração muito expressiva de um mesmo tipo, a fim de evitar rebeliões e uniões negativas contra o sistema que os detinha. Na hora do desembarque, caso os portugueses tivessem dúvidas a respeito da hospitalidade das pessoas da terra estranha, faziam desembarcar



primeiro um escravo condenado, e se, este fosse bem recebido pelos habitantes, seria um bom passo dado para iniciar um contato com os nativos, para a possível conquista (PAIVA, 1999, p.56).

Alguns cativos fizeram suas primeiras relações com outros no navio negreiro, podendo se reencontrar numa mina ou plantação, alguns estabeleciam vínculos sólidos de amizade, chamadas de malembos (amigos de primeiras horas de cativo), gerando então, cumplicidade e obrigações de ajuda mútua (MATTOSO, 1990, p.100).

Os senhores de escravos necessitavam de esforço para “conquistar” seus cativos, fazendo-os se adaptar ao meio, criando uma nova personalidade baseada em uma nova cultura. Segundo Mattoso (1990), os donos usavam mais a persuasão à imposição, lhes concedendo trabalho servil junto à família na casa grande como se fosse membro desta, e até mesmo lhes era concedido trabalhos sociais. Sua nova identidade, era na realidade, uma troca: lealdade pela nova identidade da família do senhor.

O mundo dos senhores e dos escravos era, apesar de certa intimidade, distinto cultural e socialmente. O equilíbrio aparente entre esses dois mundos era na realidade, muito precário. Os senhores, mesmo que paternais, tinham medo dos escravos, medo das nações de negros, pois, qualquer rebelião poria em risco sua vida, e forjavam instrumentos para sua própria defesa.

Os escravos nascidos no Brasil eram denominados crioulos, já falavam o português com certa fluência e em geral eram criados na família do senhor. Os donos de escravos esperavam muito mais dos crioulos que dos africanos, pois estes nunca iriam aceitar a herança cultural branca e estariam sempre a esperar os membros vindos da África (MATTOSO, 1990, p.106).

Os escravos possuíam seus momentos de fraqueza, entre eles os suicídios, fugas, revoltas individuais ou coletivas, concedendo ao senhor a adesão à violência e repressão, seu último recurso. Nas figuras 1, 2 e 3 podem ser visualizados objetos utilizados para castigar os escravos.



FIGURA 1 - Objetos utilizados para o castigo físico dos escravos

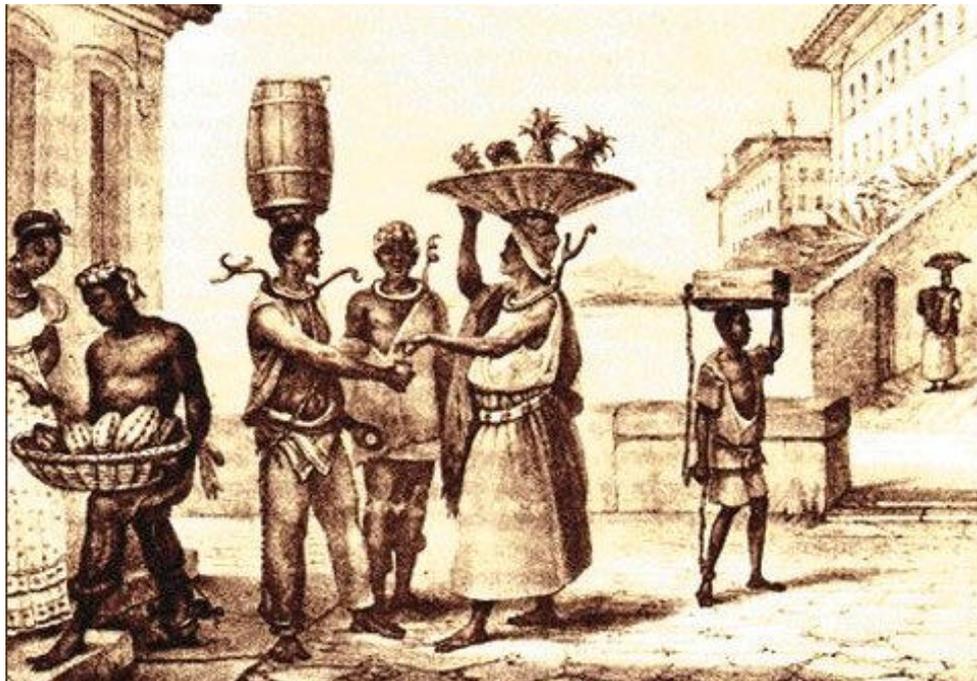


FIGURA 2 - O colar de ferro: punição para negros fugidos – Debret



FIGURA 3 - Gargantilheira

Pode-se afirmar, segundo Thornton (2004), que o modo de vida do escravo em terras americanas variava, os que trabalhavam na agricultura possuíam vida mais dura e difícil dos que faziam trabalhos domésticos, que eram protegidos. Os agricultores não podiam desenvolver uma vida social e suas chances de interação eram poucas, não podiam educar seus filhos nem manter uma família, pois a maioria era do sexo masculino, viviam em barracas e não tinham tempo para outros afazeres; já os domésticos, podiam desenvolver um lar, dar continuidade à cultura africana, ou melhor, desenvolver uma cultura afro-americana, além de andarem mais bem vestidos.

### **A Cultura Africana no Brasil**

No século XVII, havia na África aproximadamente trinta nações diferentes, entendendo-se por nação regiões com diferenças etnolingüísticas, não políticas. Foram as relações de comércio entre essas nações, as religiões em comum, e mesmos princípios estéticos que criaram as similaridades culturais da África.

“[...]o processo de escravidão impediu a transmissão direta da cultura africana para a América[...]a África não possuía uma cultura única e homogênea, mas sim variedades de culturas diferentes” (THORNTON, 2004, p.253). As diferentes culturas que existiam aqui, trazidas pelos africanos de diversas regiões, foram agrupadas através do comércio de escravos, no momento da mistura das etnias pelos senhores e donos para evitar as rebeliões, como dito anteriormente. Essa nova cultura que se criou, a afro-americana, se tornou mais homogênea do que todas as culturas africanas que a compuseram.

De todos os elementos africanos que vieram para o Novo Mundo, os estéticos foram os que resistiram em toda América, como a dança e música africanas enraizadas na música e dança afro-americana. Muitas características dos africanos vieram e permaneceram; a estamparia das cerâmicas feita pelos nativos africanos, em um complexo padrão de linhas cruzadas, desenhos geométricos, aparecia também em tecidos, cestaria, adornos para tampas e caixas, ou lateral de tamboretas. Segundo Thornton (2004) este padrão de desenho em forma de losango e com linhas entrecruzadas identifica a África Central.

[...]apesar da estética ser o reflexo de uma cultura local, é um elemento que pode ser assimilado ou transformado em contato com

outras culturas. Essa transformação se alteraria ou se intensificaria caso as condições da escravidão impedissem os africanos de realizar a toda sua plenitude sua própria produção artística ou estética, em razão de sua rotina de trabalho, gerenciamento de fazendas, disponibilidade de matéria-prima ou da presença ou ausência de artífices especializados (THORNTON, 2004, p.301).

Outra influência estética trazida pelos africanos foi o vestuário e ornamentação pessoal, como podem ser observados nas figuras 4, 5 e 6.



FIGURA 4 - Mulher Africana - 1641 - Albert Eckhout

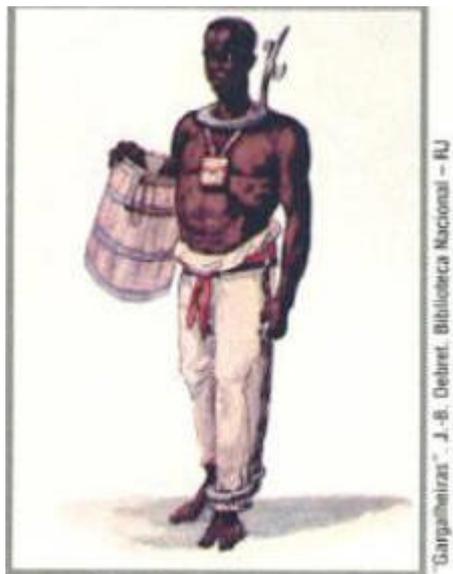


FIGURA 5 - Gargantilheiras – Debret



FIGURA 6 - Escravos Domésticos: mulher com dois escravos, Bahia (1860)

### **A Vida do Cativo em suas Origens**

Muitas foram as motivações para as navegações no Atlântico, mas a mais importante talvez tenha sido a expectativa de um caminho mais curto para as minas de ouro da África ocidental (THORNTON, 2004, p.68). Os primeiros navegantes que alcançaram a África esperavam por dominá-los como antes haviam feito em outras terras descobertas, no entanto, os africanos eram mais bem resolvidos e possuíam uma cultura marítima desenvolvida para protegerem suas águas (THORNTON, 2004, p. 81). O número de escravos era grande na região de Benin e regiões sudano-saelianas, onde o “cativo” se integra na família e não pode ser vendido (escravidão patriarcal); no Daomé filhos de escravos nascem livres (MATTOSO, 1990, p.25). Apenas um tipo de escravidão africana nascia do tráfico, e os “cativos” jamais perdiam sua personalidade.

Os negros eram vendidos pelos seus *sobas* - chefes de tribos africanas.

Os portugueses mantiveram uma relação diplomática com alguns governantes da África, a fim de obter livre passagem e negócios, assim que foi descoberto que, na África, havia uma economia comercial bem resolvida, e, segundo Mattoso (1990), não era um país sem personalidade e história, de desorganização e sem tradições como havia

sido pensado desde então. A África cedia aos europeus escravos e matéria-prima, em troca bens manufaturados como ferro e tecido, mas é importante ressaltar que, segundo Thornton (2004) esse comércio de trocas não ocorreu devido a problemas com os manufaturados de fabricação africana, ou por problemas de qualidade, mas sim pelo desejo de mudança e novidades. Também deve ser enfatizado o fato de que, esta troca por escravos, perdeu seu controle e se tornou um dano irreparável à África.

### **Características Físicas e Estéticas dos Africanos**

Os africanos eram caracterizados pelos adornos na cabeça, e, com seus cabelos muito crespos, podiam fazer penteados incríveis. Muitos africanos decoravam suas casa e corpos, com ricos detalhes utilizando princípios estéticos de sua comunidade, como pode ser observado na Figura 7. Na África ocidental, o trabalho mais difundido era a cerâmica, principalmente pelas mulheres. Os africanos possuíam muitas habilidades, fazendo objetos de alta qualidade em marfim, produção de tecidos e cestas, no entanto, aqui no Brasil, por falta da matéria prima completa que necessitavam ou falta de tempo, muitas características fortes da arte africana não foram completamente difundidas.

Seu vestuário, em geral, era feito de tiras de tecido enroladas ou caindo em dobras pelo corpo, e começaram, após o contato com os europeus a se vestirem com características européias, misturando dois estilos.



FIGURA 7 - Escravos Negros de Diferentes Nações – Debret



## Conclusão

A joalheria é uma das mais antigas artes existentes. Nas civilizações primitivas, ora foram usadas como adorno e com muita sofisticação em seu processo de fabricação, ora como símbolo cultural de um povo. A jóia sempre foi, com o passar das décadas e em todos os tipos de sociedade, um poderoso objeto de fascínio, de indicador de status, de apego simbólico e sentimental. Portanto, a jóia possui uma esta carga de história e significação. Foi buscando no regime escravagista brasileiro (séculos XVI-XIX) a inspiração para a elaboração de uma coleção de jóias carregadas que pudessem ser carregadas de simbolismo cultural de nosso povo.

A escravidão de africanos por portugueses possibilitou, para nosso país, uma mescla de culturas, de cor, de religião e crenças, que permanecem vivas até hoje. Este processo envolveu sofrimento e dor, envolveu a luta de uma nação para se adaptar à novas terras e manter viva sua essência, levando adiante suas características e modos de vida.

Neste estudo, pretendeu-se dotar a joalheria com carga cultural dos antepassados escravizados, trazendo a ambigüidade entre sofrimento e liberdade, opressão e igualdade das pessoas perante a cor para a joalheria, ligando o passado e atualidade. Satisfatório seria ver a mulher contemporânea vivendo a nossa história através da jóia, baseada nos adornos utilizados pelos escravos, por suas vestes de pano, seus aparelhos de tortura, gargantilheiras, seus objetos de adoração (mesmo não possuindo jóias em si), objetos da arte africana, vasos e estampas, objetivando tornar o design de jóias brasileiras não meramente estética, mas que comunique e simbolize a herança cultural de um povo.

## Referências Bibliográficas

- COSENTINO, Francisco; SOUZA, Marco. **1500/2000 Trajetórias**. 1999. 168 p.  
FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: USP, 2002. 324 p.  
FONTANILLE, Jacques. **Significação e visualidade: exercícios práticos**. Porto Alegre: Sulina, 2005.  
LUNA, Luiz. **O negro na luta contra a escravidão**. Rio de Janeiro: 1968. 237 p.  
MACEDO, Sérgio. **Crônica do negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Record Cultural, 1974. 134 p.  
MATTOSO, Kátia. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 267 p.  
THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 436 p.